

DOMINGO XXIV DO TEMPO COMUM

CIC 210-211: Deus de misericórdia

- 210** Depois do pecado de Israel, que se afastou de Deus para adorar o bezerro de ouro¹, Deus atende a intercessão de Moisés e aceita caminhar no meio dum povo infiel, manifestando deste modo o seu amor². A Moisés, que Lhe pede a graça de ver a sua glória, Deus responde: «Farei passar diante de ti toda a minha bondade (beleza) e proclamarei diante de ti o nome de YHWH» (*Ex* 33, 18-19). E o Senhor passa diante de Moisés e proclama: «O Senhor, o Senhor [YHWH, YHWH] é um Deus clemente e compassivo, sem pressa para se indignar e cheio de misericórdia e fidelidade» (*Ex* 34, 5-6). Moisés confessa, então, que o Senhor é um Deus de perdão³.
- 211** O nome divino «Eu sou» ou «Ele é» exprime a fidelidade de Deus, que, apesar da infidelidade do pecado dos homens e do castigo que merece, «conserva a sua benevolência em favor de milhares de pessoas» (*Ex* 34, 7). Deus revela que é «rico de misericórdia» (*Ef* 2, 4), ao ponto de entregar o seu próprio Filho. Dando a vida para nos libertar do pecado, Jesus revelará que Ele mesmo é portador do nome divino: «Quando elevardes o Filho do Homem, então sabereis que *Eu sou*» (*Jo* 8, 28).

CIC 604-605, 1846-1848: Deus toma a iniciativa da Redenção

- 604** Entregando o seu Filho pelos nossos pecados, Deus manifesta que o seu plano sobre nós é um desígnio de amor benevolente, independente de qualquer mérito da nossa parte: «Nisto consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, foi Deus que nos amou a nós e enviou o seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados» (*1 Jo* 4, 10)⁴. «Deus prova assim o seu amor para conosco: Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores» (*Rm* 5, 8).
- 605** Este amor é sem exclusão. Jesus lembrou-o ao terminar a parábola da ovelha perdida: «Assim, não é da vontade do meu Pai, que está nos céus, que se perca um só destes pequeninos» (*Mt* 18, 14). E afirma «dar a Sua vida em resgate *pela multidão*» (*Mt* 20, 28). Esta última expressão não é restritiva: simplesmente contrapõe o conjunto da humanidade à pessoa única do redentor, que Se entrega para a salvar⁵. No seguimento dos Apóstolos⁶, a Igreja ensina que Cristo morreu

¹ Cf. *Ex* 32.

² Cf. *Ex* 33, 12-17.

³ Cf. *Ex* 34, 9.

⁴ Cf. *1 Jo* 4, 19.

⁵ Cf. *Rm* 5, 18-19.

⁶ Cf. *2 Cor* 5, 15; *1 Jo* 2, 2.

por todos os homens, sem excepção: «Não há, não houve, nem haverá nenhum homem pelo qual Cristo não tenha sofrido»⁷.

1846 O Evangelho é a revelação, em Jesus Cristo, da misericórdia de Deus para com os pecadores⁸. O anjo assim o disse a José: «Pôr-Lhe-ás o nome de Jesus, porque Ele salvará o seu povo dos seus pecados» (Mt 1, 21). O mesmo se diga da Eucaristia, sacramento da Redenção: «Isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que vai ser derramado por todos para a remissão dos pecados» (Mt 26, 28).

1847 «Deus, que nos criou sem nós, não quis salvar-nos sem nós»⁹. O acolhimento da sua misericórdia exige de nós a confissão das nossas faltas. «Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e para nos purificar de toda a maldade» (1 Jo 1, 8-9).

1848 Como afirma São Paulo: «Onde abundou o pecado, superabundou a graça». Mas para realizar a sua obra, a graça tem de pôr a descoberto o pecado, para converter o nosso coração e nos obter «a justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor» (Rm 5, 20-21). Como um médico que examina a chaga antes de lhe aplicar o penso, Deus, pela sua Palavra e pelo seu Espírito, projecta uma luz viva sobre o pecado:

«A conversão *requer o reconhecimento do pecado*. Contém em si mesma o juízo interior da consciência. Pode ver-se nela a prova da acção do Espírito de verdade no mais íntimo do homem. Torna-se, ao mesmo tempo, o princípio dum novo dom da graça e do amor: “Recebei o Espírito Santo”. Assim, neste “convencer quanto ao pecado”, descobrimos *um duplo dom*: o dom da verdade da consciência e o dom da certeza da redenção. O Espírito da verdade é o Consolador»¹⁰.

CIC 1439, 1700, 2839: o filho pródigo, exemplo de conversão

1439 *O dinamismo da conversão e da penitência* foi maravilhosamente descrito por Jesus na parábola do «filho pródigo», cujo centro é «o pai misericordioso»¹¹: o deslumbramento duma liberdade ilusória e o abandono da casa paterna; a miséria extrema em que o filho se encontra depois de delapidada a fortuna; a humilhação profunda de se ver obrigado a guardar porcos e, pior ainda, de desejar alimentar-se das bolotas que os porcos comiam; a reflexão sobre os bens perdidos; o arrependimento e a decisão de se declarar culpado diante do pai; o caminho do regresso; o acolhimento generoso por parte do pai; a alegria do pai: eis alguns dos aspectos próprios do processo de conversão. O fato novo, o anel e o banquete festivo são símbolos desta vida nova, pura, digna, cheia de alegria, que é a vida do homem que volta para Deus e para o seio da família que é a Igreja. Só o coração de Cristo, que conhece a profundidade do amor do seu

⁷ CONCÍLIO DE QUIERCY (ano 853), *De libero arbitrio hominis et de praedestinatione*, canon 4: DS 624.

⁸ Cf. Lc 15.

⁹ SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 169, 11, 13: PL 38, 923.

¹⁰ JOÃO PAULO II, Enc. *Dominum et vivificantem*, 31: AAS 78 (1986) 843.

¹¹ Cf. Lc 15, 11-24.

Pai, pôde revelar-nos o abismo da sua misericórdia, de um modo tão cheio de simplicidade e beleza.

1700 A dignidade da pessoa humana radica na sua criação à imagem e semelhança de Deus (*Artigo 1*) e realiza-se na sua vocação à bem-aventurança divina (*Artigo 2*). Compete ao ser humano chegar livremente a esta realização (*Artigo 3*). Pelos seus actos deliberados (*Artigo 4*), a pessoa humana conforma-se, ou não, com o bem prometido por Deus e atestado pela consciência moral (*Artigo 5*). Os seres humanos edificam-se a si mesmos e crescem a partir do interior: fazem de toda a sua vida sensível e espiritual um material do próprio crescimento (*Artigo 6*). Com a ajuda da graça, crescem na virtude (*Artigo 7*), evitam o pecado e, se o cometeram, entregam-se como o filho pródigo¹² à misericórdia do Pai dos céus (*Artigo 8*). Atingem, assim, a perfeição da caridade.

2839 Começámos a orar ao nosso Pai com um sentimento de audaciosa confiança. Suplicando-Lhe que o seu nome seja santificado, pedimos-Lhe para sermos cada vez mais santificados. Mas, apesar de revestidos da veste baptismal, não deixámos de pecar, de nos desviar de Deus. Agora, nesta nova petição, voltamos para Ele, como o filho pródigo¹³, e reconhecemo-nos pecadores na sua presença, como o publicano¹⁴. A nossa petição começa por uma «confissão» na qual, ao mesmo tempo, confessamos a nossa miséria e a sua misericórdia. A nossa esperança é firme, pois que em seu Filho «nós temos a redenção, a remissão dos nossos pecados» (*Cl 1, 14*)¹⁵. E encontramos nos sacramentos da sua Igreja o sinal eficaz e indubitável do seu perdão¹⁶.

CIC 1465, 1481: o filho pródigo e o sacramento da Penitência

1465 Ao celebrar o sacramento da Penitência, o sacerdote exerce o ministério do bom Pastor que procura a ovelha perdida; do bom Samaritano que cura as feridas; do Pai que espera pelo filho pródigo e o acolhe no seu regresso; do justo juiz que não faz acepção de pessoas e cujo juízo é, ao mesmo tempo, justo e misericordioso. Em resumo, o sacerdote é sinal e instrumento do amor misericordioso de Deus para com o pecador.

1481 A liturgia bizantina tem várias fórmulas de absolvição, em forma deprecativa, que exprimem admiravelmente o mistério do perdão: «Deus, que pelo profeta Natan perdoou a David, quando ele confessou os seus próprios pecados, a Pedro depois de ele ter chorado amargamente, à pecadora depois de ela ter derramado lágrimas a seus pés, ao fariseu e ao pródigo, este mesmo Deus vos perdoe, por intermédio de mim pecador, nesta vida e na outra, e vos faça comparecer, sem vos condenar no seu temível tribunal; Ele que é bendito pelos séculos dos séculos. Ámen»¹⁷.

¹² Cf. *Lc 15, 11-32*.

¹³ Cf. *Lc 15, 11-32*.

¹⁴ Cf. *Lc 18, 13*.

¹⁵ Cf. *Ef 1, 7*.

¹⁶ Cf. *Mt 26, 28; Jo 20, 23*.

¹⁷ *Euchológion tò méga* (Atenas 1992) p. 222.